

# Declínio sexagenário: por quê?

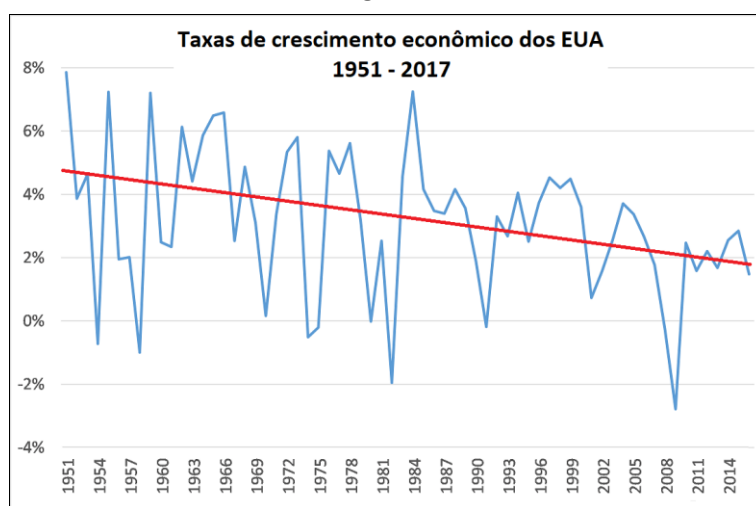
Eleutério Prado<sup>1</sup>

## O problema a ser explicado

Como se sabe, as taxas de crescimento econômico dos países industrializados do Norte tenderam a cair sistematicamente a partir de 1950, depois da recuperação do pós-guerra. Flutuaram como sempre (num intervalo entre -3 e 7 por cento), mas a sua média caiu sistematicamente neste longo período (Freeman, 2019). O mesmo ocorreu, como também se sabe, com as taxas de expansão da economia capitalista nos Estados Unidos da América do Norte. A figura 1 mostra esse desempenho por meio de um gráfico que, aliás, é bem conhecido: se essas taxas ficaram em média acima de 4 por cento nas duas primeiras décadas do período sexagenário (precisamente, de 65 anos) que vai de 1951 a 2016, elas passaram a flutuar em torno de cerca de 2 por cento na últimas duas décadas.

Ora, essa tendência não pode ser explicada apenas pela política econômica como sempre acontece quando se enxerga o desempenho histórico do sistema econômico da perspectiva da macroeconomia; ao contrário, ela mostra claramente que se está na presença de uma causa estrutural e que a macroeconomia apenas ajuda a explicar a intensidade maior ou menor das flutuações e, talvez, a inclinação maior ou menor da linha de tendência. Para delinear uma explicação para essa tendência expõe-se aqui os principais resultados de um importante antigo recém-publicado dos economistas gregos Tsoulfidis e Paitaridis (T&P): *Intensidade de capital, atividades improdutivas e a grande recessão da economia dos EUA* (2018).

Figura 1



Fonte: Freeman (2019) e construção própria

<sup>1</sup> Professor titular aposentado da FEA/USP. Correio eletrônico: [eleuter@usp.br](mailto:eleuter@usp.br). Blog na internet: <https://eleuterioprado.blog>

Mas o que pode, afinal, explicar esse crescimento cadente dos países industrializados em geral e dos Estados Unidos em particular? O artigo de T&P sugere que a causa estrutural dessa evolução histórica é a queda da taxa de lucro, pois esta mostra a disponibilidade de recursos para o investimento e sinaliza a lucratividade futura possível.

### Em busca de uma explicação

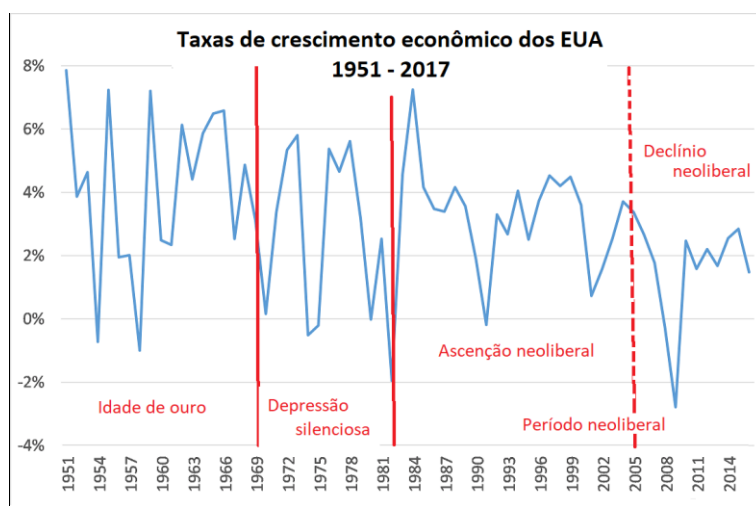
O artigo de T&P procura explicar o comportamento histórico da variável “taxa de lucro” do conjunto dos setores produtores de mais-valor da economia capitalista nos EUA por meio de sua redução aos efeitos das mudanças da composição em valor do capital (CVC), da taxa de exploração e do consumo de mais-valor pelas atividades improdutivas (ou seja, que não produzem, mas consomem valor):

*“O objetivo deste artigo” – dizem eles – “é voltar a analisar algumas relações cruciais entre as principais variáveis relacionadas à taxa de lucro, a principal variável macroeconômica que molda o processo de acumulação de capital e sua ruptura por meio de crises periódicas. O foco do estudo é a economia dos EUA, que continua a conformar, em grande medida, o atual estágio da economia mundial” (T&P, p. 1).*

Não se pode dizer, entretanto, que a evolução da taxa de lucro caiu tendencialmente de forma aproximadamente linear tal como se propôs que ocorreu com a taxa de crescimento. Ao contrário, ela indica, como é possível mostrar, que houve rupturas importantes:

*“A principal tese deste artigo é que, na evolução de longo prazo da economia dos EUA no pós-guerra, houve duas mudanças sucessivas de fase. A primeira, iniciou-se com um período de expansão que durou até meados e final dos anos 1960 e foi caracterizada como a “idade de ouro da acumulação”; esta foi seguida pela “crise de estagflação” do final da década de 1960 (conhecida como ‘depressão silenciosa’) que terminou no início ou até meados da década de 1980. A fase ascendente da segunda onda longa do pós-guerra (conhecida como a “nova idade de ouro da acumulação” ou “período neoliberal”) atinge seu ponto de inflexão em torno do meio até o final da primeira década do novo milênio” (T&P, p. 1).*

Figura 2



Fonte: Freeman (2019) e construção própria

A figura 2 acima apresenta visualmente essas fases. Para desenhá-la, colocou-se cortes precisos nos anos 1969, 1982 e 2004 (o que contraria de certo modo o espírito da afirmação de T&P já que cortes precisos são sempre controvertidos). Demarcou-se, também, um subperíodo de declínio neoliberal marcado pela grande crise de 2007-2008 e numa recessão longa (ou lenta recuperação) a partir de então.<sup>2</sup> Segundo T&P, esses pontos de inflexão apresentam características semelhantes:

*“Os fenômenos observados na identificação dos dois pontos de inflexão (no final da década de 1960 e no final da década de 2000) são bastante semelhantes: taxas de lucro decrescentes e massas estagnadas de lucros líquidos reais associados a ela. Esta última retarda os novos gastos de investimento, levando à desvalorização do capital e a um desemprego bastante severo, especialmente quando os trabalhadores desencorajados são contados nas estatísticas oficiais, bem como o número crescente da população desempregada de longo prazo. Pois, o emprego em tempo parcial não deve ser equiparado ao emprego a tempo inteiro” (T&P, p. 2).*

### A estrutura do artigo de T&P

O artigo de T&P têm várias seções. Na seção segunda seção (contada após a introdução) trata da distinção entre trabalho produtivo e trabalho improdutivo na tradição da economia clássica e marxista: “trata-se como produtivo o trabalho assalariado que é ativado na esfera da produção, onde o capital emprega mão-de-obra e compra insumos não-trabalho para produzir mais valor do que o valor de todos os insumos utilizados. Em contraste, o trabalho não produtivo é ativado nas esferas de distribuição e manutenção social e, como tal, não altera a produção total produzida” (T&P, p. 3).

Essa seção procura mostrar como foi distinguido estatisticamente, com base nos dados disponíveis para os Estados Unidos, o trabalho que cria valor e o trabalho que apenas o consome. O tema é controvertido, mas, segundo eles, “apesar dos desacordos e diferenças nas interpretações entre os economistas nas tradições clássica e marxista, a visão predominante é que a expansão das atividades não produtivas interfere na capacidade do sistema de criar e acumular riqueza. Em particular, quanto maior a parcela de atividades não produtivas na economia, menor é a capacidade de investir resultante, o que, portanto, diminui o potencial de crescimento da economia” (T&P, p. 3).

Na terceira seção, T&P definem algumas variáveis necessárias para explicar o comportamento histórico da taxa de lucro nos EUA: a) a composição em valor do capital (CVC), isto é, a razão entre o estoque de capital e a folha de salário; b) a razão entre o capital e o valor-adicionado (anotada como CMC porque também costuma ser denominada de composição materializada do capital); e c) a taxa de exploração (e). Se  $K$  é o estoque de capital,  $FS$  é a folha de salários,  $L$  é o lucro total,  $VA$  é o valor adicionado e “ $e$ ” é a taxa de exploração, tem-se:

---

<sup>2</sup> Esse declínio, porém, não anuncia o fim do neoliberalismo, mas a sua transformação, usando aqui os termos de Nancy Fraser, de neoliberalismo progressista em neoliberalismo conservador. Ver sobre isso o post Marx e Polanyi juntos (2019).

$$CVC = \frac{K}{FS} \quad CMC = \frac{K}{VA} \quad e = \frac{L}{FS} \quad \rightarrow \quad CVC = CMC(1 + e)$$

Na seção quarta, eles constroem um arcabouço analítico para compreender o movimento da taxa de lucro. Note-se nessa perspectiva que a taxa de lucro bruta,  $R$ , fica assim definida em termos das variáveis acima elencadas:

$$R = \frac{L}{K} = \frac{L/FS}{K/FS} = \frac{e}{CVC}$$

Na seção quinta mostram o efeito do crescimento do montante gasto com atividades improdutivas afeta a taxa de lucro. Em sequência, mostram que é preciso decompor o lucro bruto em lucro líquido (LL) e consumo de lucro pelas atividades improdutivas (LC). Como a taxa de lucro líquido está definida como  $r = LL/K$ , tem-se:

$$R = \frac{L}{K} = \frac{LL + LC}{K} \rightarrow r = R - \frac{LC}{K}$$

### Os principais resultados obtidos

Usando as informações estatísticas disponíveis, eles então estimaram a taxa de lucro bruta e taxa de lucro líquida. Omite-se aqui os detalhes do computo do lucro bruto ( $L$ ) das atividades produtoras de mais-valor, assim como de sua decomposição em lucro líquido e lucro consumido devido a sua complexidade. No artigo original, tudo isso, entretanto, está bem explicado.

De qualquer modo, a partir desses cálculos, T&P observaram que a taxa média de crescimento de CVC entre 1964-2016 foi de 1,5 por cento. Por outro lado, calcularam que a taxa de crescimento médio de “ $e$ ” chegou apenas a 1,02 por cento. Ora, como foi visto acima, dado que a taxa de lucro pode ser expressa como uma razão entre “ $e$ ” e CVC, torna-se evidente que houve uma queda da taxa de lucro nos cinquenta de dois anos que se passaram entre essas duas datas (as quais compreendem um período menor em relação àquele analisado, mas foram assim escolhidas porque demarcavam um período em que existiam informações consistentes).

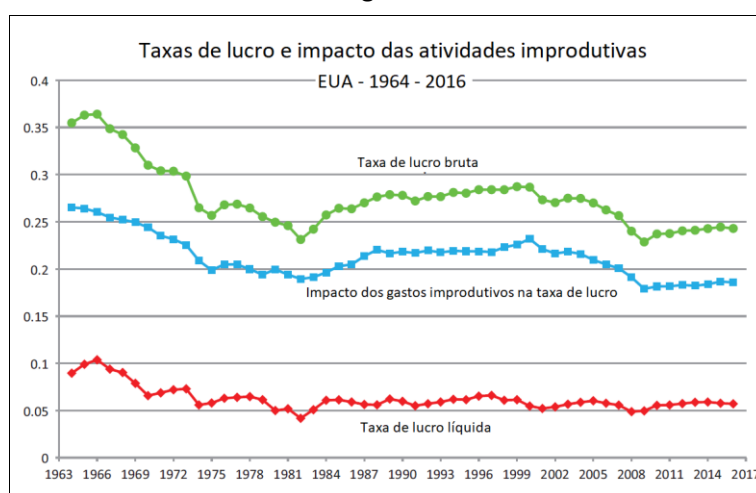
Como se vê, a queda na taxa de lucro pode ocorrer mesmo com uma taxa crescente de mais-valia; basta que seja superada por uma expansão maior da taxa de crescimento da “composição em valor do capital (CVC). A primeira reflete o andamento da repartição entre salários e lucros e está última, como se sabe, reflete mudanças na composição técnica do capital. Além disso, o comportamento da taxa de lucro é afetado pela expansão dos gastos improdutivos ao mesmo tempo em que o afeta.

Empregando e manipulando ainda os dados estatísticos da economia capitalista nos Estados Unidos, eles decompuseram a) o emprego total da economia norte-americana em emprego nos setores produtivos e emprego nos setores não produtivos e b) o montante total de salários em montante pago aos empregados produtivos e

montante pago aos empregados não produtivos. Em consequência, foram capazes de calcular não apenas a taxa de lucro bruta (R), mas também a taxa de lucro líquida (r). A diferença entre elas é explicada pelo impacto dos gastos improdutivos na taxa de lucro bruta (LC/K). Ora, este resultado do estudo se encontra na figura 3.

Em resumo, o movimento da taxa de lucro bruta reflete a influência temporal da evolução da taxa de exploração e da composição em valor do capital. O movimento da taxa de lucro líquida reflete também o impacto dos gastos improdutivos na taxa de lucro bruto. Ora, T & P desenvolvem um argumento mais complicado – veja-se em continuação – para entender a relação entre os dispêndios improdutivos e a evolução temporal da taxa de lucro bruta e líquida.

Figura 3



Fonte: T&P, 2018

*“Uma taxa de lucro geral crescente (ou bruta) é totalmente consistente com o aumento dos gastos improdutivos, mesmo quando o seu aumento é tão grande que deprime a taxa líquida de lucro. A ideia é que a crescente taxa geral de lucro mostra que o sistema é basicamente saudável e capaz de sustentar o crescente ônus das atividades improdutivas. A situação muda quando a taxa geral de lucro está caindo, o que pode deprimir ainda mais a taxa líquida de lucro em sua direção descendente. Se as despesas e atividades improdutivas estão subindo, então elas aplicam uma pressão adicional sobre a taxa líquida de lucro em toda a economia, comprimindo-a ainda mais, agravando a situação levando a economia mais cedo para o ponto de inflexão de uma mudança de fase.” (T & P, p. 18).*

A principal conclusão que se pode tirar do estudo de T & P é que a taxa de lucro líquida na economia capitalista norte-americana caiu significativamente na “idade de ouro e tendeu a estagnar após 1980. A política econômica neoliberal foi capaz de elevar a taxa de lucro bruta a partir dos anos 1980, mas essa elevação parece não ter conseguido elevar substantivamente a taxa de crescimento do PIB. Eis que teve de enfrentar uma elevação dos gastos improdutivos que só não foi maior devido provavelmente à terceira revolução tecnológica; eis que esta deve ter permitido uma economia de trabalho também nas atividades improdutivas.

A queda “secular” da taxa de lucro – ainda que não seja a única – é seguramente a causa estrutural da queda persistente do crescimento econômico nos países industrializados do Norte no após a II Guerra Mundial. A incapacidade desses países em obter uma recuperação da taxa de lucro está relacionada não só com o desenvolvimento tecnológico poupador de trabalho e com o crescimento dos gastos improdutivos, mas também com uma dificuldade da política econômica de permitir a destruição do capital industrial e financeiro – forma pela qual a taxa de lucro se recuperava no século XIX. E essa dificuldade vem do fato de que o desenrolar espontâneo das crises capitalistas tornaram-se politicamente inaceitáveis.

## Referências bibliográficas

Freman, Alan (2019) – A sexagenária tendência declinante do crescimento econômico nos países industrializados do mundo. Neste blog.

Tsoulfidis, Lefteris e Paitaridis, Dimitris (2018) – Capital intensity, unproductive activities and the Great Recession in the US economy. In: *Cambridge Journal of Economics*, vol. 48.